

## Cercas e memórias: a experiência histórica do uso comum da terra no Faxinal Rio do Couro (Irati-PR)

Marisangela Lins de Almeida\*  
Marcos Fábio Freire Montysuma\*\*  
Ancelmo Schorner\*\*\*

*As memórias, como as saudades,  
necessitam de contínuo alento para ser  
tornarem imorredouras.*  
(Horácio Martins de Carvalho, 1984).

**Neste texto, formulamos algumas considerações que** envolvem o processo de dissolução do criadouro comum do Faxinal Rio do Couro, localizado

- 
- Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro); Mestrado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisa temas como gênero, campesinato e populações tradicionais. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mary\_lins\_18@hotmail.com.
  - \*\* Graduado em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC); Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor lotado no Departamento de História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integra o Programa de Pós-Graduação em História/CFH/UFSC e o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/CFH/UFSC. Tem ministrado as disciplinas “História Oral” e “História do Brasil Contemporâneo”. Trabalha com Amazônia; história ambiental; gênero e meio ambiente; história oral; memória. E-mail: mmontysuma@gmail.com.
  - \*\*\* Graduado em História pela Universidade Regional de Joinville (Univille); Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Tem pesquisado Populações Tradicionais, meio ambiente, paisagens e territórios periféricos. E-mail: ancelmo.schorner13@gmail.com

no município de Irati (PR). Para tal, recorreremos às narrativas' orais da faxinalense Bernardete Longato, nas quais retrata sua interpretação sobre o referido faxinal e a experiência de autogestão do uso comum da terra para criação de animais, o que permitirá uma problematização sobre as modificações e permanências de diferentes práticas nesse território. O texto abrange o período de 1914 a 2019.

Nesse sentido, recorreremos aos fundamentos teóricos e metodológicos da História Oral, onde autores como Antonio Torres Montenegro (2006), Marcos Montysuma (2012), Janaina Amado (1995) e Alessandro Portelli (1997), convergem quanto ao entendimento do processo de construção das narrativas, no sentido de que são elaboradas tomando como referência as experiências subjetivas e socialmente compartilhadas.

Para Amado (1995, p. 133), “toda narrativa apresenta uma versão, um ponto de vista sobre algo”, interpretamos que nisso opera a subjetividade do(a) narrador(a). No mesmo caminho, Portelli (1997, p. 27) aponta que memórias são interpretações; segundo ele, “aquilo que criamos é um texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores”. Assim, segue ele, a objetividade científica não consiste na simulação de uma impossível e indesejável neutralidade, posto que ela não existe, mas em assumir a tarefa de considerar a subjetividade e interpretação presentes na discussão das questões que propomos às pessoas. (Portelli, 1997). Tanto descrever objetivamente um fato, quanto elaborar um discurso sinuoso, complementamos, implica em considerar presente subjetividade e interpretação.

Procuramos, ao longo do texto, ao analisar e interpretar as narrativas de Sra. Bernardete, ter clareza da importância de considerar e respeitar as memórias, procurando situá-las e problematizá-las, como um “rachar as palavras”, na concepção de Montenegro (2006), compreendendo os sujeitos e seus discursos nas

---

1 (...) a narrativa é uma forma de configurar os eventos do passado na sucessão temporal, construindo significados e sentidos humanos. Narrar é criar um fluxo de eventos e estabelecer uma duração que possibilitem o entendimento humano (seja o próprio entendimento, seja o do outro). Cada pessoa, ao contar sobre o passado, utiliza a narrativa para articular suas lembranças, porém conforme o contexto presente no qual se insere, e não a partir do próprio passado (Ricoeur, 2010). Assim, a narrativa é construída a partir de determinado enredo que articula os elementos mobilizados para lhe dar conteúdo.

culturas locais<sup>2</sup> e considerando que fala e memória estão inscritas num contexto sociocultural.

Para Portelli (1997, p. 16), “ainda que a memória seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”, isto é, a memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas somente os seres humanos são capazes de guardar lembranças e discuti-las quando conveniente. Nesse sentido, a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se, para tal, de instrumentos criados e compartilhados. Recordações de duas pessoas podem até ser semelhantes, mas jamais serão exatamente iguais, porque imperam as subjetividades. Segundo Bergson (1999, p. 30) “Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada”. Logo, assertivamente, interpretamos que imperam as subjetividades.

É nessa direção que procuramos elaborar, a partir da entrevista<sup>3</sup> com Bernardete Longato, algumas interpretações dos problemas apresentados pelo modo de vida faxinal, buscando apreender como moradores e moradoras do Faxinal Rio do Couro, chamados faxinalenses, se relacionam/relacionavam com a experiência do uso comum da terra e atribuem a esse espaço significações, sentidos expressos em práticas cotidianas.

A Sra. Bernadete Longato é agricultora, tem 59 anos, é moradora do Faxinal Rio do Couro, casada e mãe de três filhos. Ela e sua família produzem, atualmente, em sua propriedade de 18 alqueires, fumo e milho para comercialização, e feijão e verduras (no quintal) para consumo familiar. Ela não participa de movimentos sociais políticos de defesa do modo de vida faxinal, entretanto, esse não foi o fator de escolha para entrevistá-la, mas sim o fato de sua experiência e subjetividade ser marcada por esse território: ela ali vive desde que nasceu. Sua escolha também se deveu ao fato de não adotar um discurso orientado

---

2 Kuper (2002) indica que cultura está relacionada essencialmente à questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva. As ideias, os valores, a cosmologia, a cosmografia, a estética e os princípios morais são expressados por intermédio de símbolos, traduzidos em ideias, costumes e valores culturais que aparecem numa gama de formas quase infinitamente variável. Nesse sentido, pode-se pensar a cultura como um sistema simbólico e de práticas cotidianas. Nos faxinais, esses sistemas culturais de representação e de práticas estão ligados a laços de solidariedade e necessidades, expressas, por exemplo, em mutirões de trabalho e troca de sementes, religiosidade, formas de plantio e nas relações de parentesco e compadrio.

3 O entendimento é de que entrevistas são resultados de produções, essas são produzidas no diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, conforme Ferreira e Amado (2006, p. 14) ressaltam: “na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação”. A interpretação, nesse texto, é de que a fonte é produzida no diálogo entre pesquisador e entrevistado.

politicamente por uma linguagem constituída por intermédio da militância. Em 2017, quando lá estivemos pela primeira vez, conversamos com várias mulheres, falamos sobre os quintais, conhecimentos e saberes, relações de trabalho, cercas e ajuda mútua através dos chamados mutirões. Sra. Bernardete mostrou-se entusiasmada em falar da relação constitutiva entre o passado e o presente vivido desse território, o que levou à essa entrevista.

A primeira conversa, em setembro de 2017, e a entrevista, em janeiro de 2019, foram realizadas no interior de sua casa e no seu quintal. No primeiro momento, a conversa ocorreu de forma livre, enquanto que na segunda vez, optamos por direcionar o diálogo a partir de questões mais específicas, como as modificações históricas no criador comum, no cotidiano de seus moradores, na forma de se relacionar com a terra e entre si (relações de parentesco, troca, ajuda mútua), sistema de saberes e as cercas, elementos constitutivos de um faxinal.

A escolha do local diz respeito ao fato de que o Faxinal Rio do Couro, representativo do que pode ser compreendido como um “faxinal”, pois é/foi um dos maiores e mais antigos do município, segundo Carvalho (1984). Além disso, as pessoas que lá vivem mantêm algumas práticas de solidariedade e ajuda mútua mesmo após o avanço da dissolução do Criador Comum. O período de 1914 (marco de referência histórica do cercamento<sup>4</sup> completo do criador comunitário no seu perímetro) a 2019 faz parte do desejo de refletir sobre os processos de modificações históricas ocorridas no seu modo de vida.

A modalidade de campesinato<sup>5</sup> denominada Faxinal, é um modo de utilização das terras em comumexistente, com maior relevância, no Paraná. Sua singularidade reside na forma organizacional em que o caráter coletivo se expressa na forma de criadouro comum para a criação de animais à solta, aproveitando-

---

4 A expressão cercamento, aqui, se refere à grande cerca circundante do criadouro comum, e não ao processo, mais recente, de cercar as áreas individuais, conforme veremos abaixo. “As famílias Mello consideradas iniciadoras do criador comunitário eram as seguintes: Antonio Vieira de Mello, Pedro Vieira de Mello, João Ferreira de Mello e José Ferreira de Mello e Henrique Ferreira de Mello. Essas famílias, conjuntamente com as dos italianos migrantes, assumiram em 1914 as responsabilidades de cuidar da cerca do criador comunitário: família dos Mellos: 3.000 lanços ou ‘vão’ de cerca; família Aggio: 3.000 lanços; família Companharo; 3.000 lanços; família Fracaro: 4.000 lanços” (Carvalho, 1984, p. 23). Um lanço equivale a 2,86 m.

5 Toma-se o campesinato enquanto identidade, construída e redefinida em diversos contextos sociais, culturais e políticos, num processo de representação de seus atores. Procura-se pensar essa sociedade camponesa para além das questões econômicas. Deste modo, utiliza-se como pressuposto básico as concepções de Henri Mendras (1978), para o qual é o fato de pertencer a uma sociedade camponesa que identifica o camponês, o que o autor faz a partir de cinco traços: “a) a autonomia relativa das coletividades camponesas frente a uma sociedade envolvente/global; b) a importância estrutural do grupo doméstico/familiar na organização da vida econômica social; c) um sistema econômico de autarquia relativa; d) uma coletividade local caracterizada por relações internas de interconhecimento; e) a função decisiva do papel de mediação dos notáveis entre as coletividades camponesas e a sociedade global”. (Mendras, 1978, p. 14-15).

se dos recursos naturais disponíveis, como pastagens, pinhão, araçá, gabioba e aguadas (Schorner e Carvalho, 2016).

O Decreto nº 3.446, de 14 de agosto de 1997, definiu o sistema faxinal<sup>6</sup> como “Áreas Especiais de Uso Regulamentado” (ARESUR). Para o Decreto (§1º do art.1º):

Entende-se por sistema faxinal, o sistema camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná, que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para a produção animal e conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; b) produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto – manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas. (PARANÁ, 1997).

Essas comunidades se caracterizam por adotar um modo particular de uso comum de seu território,<sup>7</sup> onde as criações, como de bovinos, suínos, caprinos, equinos e aves, são criadas à soltas no criador comum, as aguadas também são compartilhadas, e as cercas possuem a função de evitar que animais adentrem as terras de roça, ou terras de plantar. Nesse sentido, os faxinais estão inclusos no grande leque de grupos humanos que costumam ser agrupados, segundo Little (2002), sob diversas categorias (populações, povos, sociedades, culturas)

6 Essa expressão está presente nos estudos de Chang (1988) e Nerone (2002). Ela implica, basicamente, na ideia de que o faxinal tem um começo, um “meio” e terá um fim, isto é, se desagregará. Mais recentemente, a partir de estudos desenvolvidos no âmbito do laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses, localizado no Campus da UNICENTRO, em Irati, passou-se a adotar a expressão “modo de vida faxinalense”, pois o faxinal não é apenas um modo de produção, mas também um modo de vida, com características próprias, como a pecuária no criatório comum, lavouras de subsistência, puxirões, hábitos alimentares distintos, rituais, rezas, curas, entre outras.

7 No faxinal Rio do Couro, segundo Carvalho (1984, p. 33), as terras se dividem em “terras de lavouras” e “terras de faxinal”, ou seja, terra de uso comum. De modo geral, cada morador(a) proprietário(a) de terras possui apenas uma parcela de terra na área do criador comunitário, possuindo, muitas vezes, outras parcelas de terra na área de plantar, distantes uma das outras. Assim, cada proprietário de terra participante do criador comunitário (160 famílias de proprietários) possui, no mínimo, de 4 a 5 parcelas de terra.

acompanhadas pelo adjetivo “tradicional”.<sup>8</sup>

## Povos tradicionais, uso comum da terra e o Faxinal Rio do Couro

Independente de concordarmos com as designações, mas procurando elementos comuns para facilitar o diálogo compreensível dentro e fora da comunidade acadêmica, vamos tomar como referência as designações Povos e Comunidades Tradicionais, que segundo o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 (art. 3º, § 1º), que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, podem ser definidos como

(...) grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Decreto 6.040, art. 3º, § 1º).

Nesse sentido, essas populações, a partir de um conjunto de relações específicas estabelecidas com as terras tradicionalmente ocupadas e seus recursos naturais, fazem com que esses lugares sejam mais do que terras (bens econômicos), tornando-os território.<sup>9</sup> Observamos que a categoria dos povos e comunidades tradicionais brasileiros abrange, por exemplo, os indígenas, os remanescentes de quilombos, caiçaras, babaçueiros(as), caboclos(as), caipiras, sertanejos(as), quebradeiras de coco, pantaneiros(as), fundos de pasto, jangadeiros(as), pescadores(as) artesanais, seringueiros(as), geraizeiros, vazanteiros(as), faxinalenses, entre outros. Dentre esses múltiplos territórios culturais e sociais existentes, alguns,

8 Para Paul Little (2002), a utilização da palavra “tradicional” pode gerar muitas dificuldades devido à sua polissemia e à forte tendência de associá-la com concepções de imobilidade histórica e atraso econômico. Contudo, a importância dada às constantes mudanças históricas provocadas pelos processos seculares de fronteiras em expansão e aos múltiplos tipos de territórios sociais que produziram, mostra que o uso do termo tradicional aqui se refere, explicitamente, às realidades plenamente modernas. Assim, a categoria de povos tradicionais é um elemento analítico capaz de conjugar fatores como: a existência de regimes de propriedade comum; o sentido de pertencimento a um lugar; a procura de autonomia cultural; práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais analisados demonstram na atualidade

9 Little (2002, p. 3) define a territorialidade como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”. Para ele, o território surge diretamente de condutas de territorialidade de um grupo social, sendo, portanto, um produto histórico de processos sociais e políticos.

como os faxinalenses, possuem práticas do uso comum da terra e de seus recursos naturais.

Essas modalidades de terras, apesar de transformações sociais e econômicas sofridas pelo país no transcorrer da sua história fazerem com que elas desaparecessem parcial ou completamente ou descaracterizassem-se em seus aspectos originais, continuam existindo em diferentes regiões do país, como indica Campos (2000). Para Campos (2000, p. 2) “(...) o uso comum evidencia uma forma diferente de se relacionar com a terra, que passa pela compreensão, por exemplo, do direito de uso comum, que independentemente de qualquer regime jurídico, está relacionado ao direito costumeiro.”<sup>10</sup>

Uma das formas de Uso Comum ocorre em comunidades tradicionais, como os faxinais. Esse uso, que caracteriza o território social faxinalense, não está somente relacionado a aspectos ambientais<sup>11</sup> e econômicos, mas também a questões culturais e sociais (laços de reciprocidade e parentesco, por exemplo), elementos que atravessam a luta pela afirmação de suas identidades territoriais.<sup>12</sup>

Assim, a utilização em comum da terra para a criação de animais e dos recursos naturais disponíveis no criadouro comum, designa situações nas quais o controle de recursos básicos não é exercido de maneira individual por um determinado grupo doméstico de pequenos produtores ou por um de seus

---

10 Na interface da lei com a prática agrária, encontramos o costume. O próprio costume é a interface, pois podemos considerá-lo como práxis e igualmente como lei. A sua fonte é a práxis. (...) os costumes devem ser interpretados de acordo com a percepção vulgar, porque os costumes em geral se desenvolvem, são produzidos e criados entre as pessoas comuns, sendo por isso chamados Vulgares consuetudines. Para Sir Edward Coke (1641), os costumes repousam sobre ‘dois pilares’: o uso em comum e o tempo imemorial” (Thompson, 1998, p. 86).

11 A ARESUR (Área Especial de Uso Regulamentado) é o mecanismo de reconhecimento formal do território faxinalense através de legislação estadual, conforme o Decreto 3.446/97. Sob este enquadramento os faxinais são reconhecidos como “sistemas de produção camponesa que têm como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e conservação ambiental” (IPARDES, Anuário Físico-Ambiental 2004).

12 Segundo Cruz (2007, p. 95), as populações “tradicionais” se organizam, ganhando visibilidade e protagonismo, se constituindo e afirmando como sujeitos políticos na luta pelo exercício ou mesmo pela invenção de direitos a partir de suas territorialidades e identidades territoriais. Essas lutas são lutas por redistribuição e por maior igualdade de acesso aos recursos materiais (lutas por “territórios da igualdade”), bem como pelo reconhecimento da legitimidade de diferenças e identidades culturais expressas nos diferentes modos de produzir e nos diferentes modos de viver e de existir de tais populações (lutas por “territórios da diferença”).

membros.<sup>13</sup> Ao contrário, esse controle ocorre por meio de normas específicas consensuais estabelecidas na unidade social (Almeida, 2009). Nos faxinais, é no criador comum que essa prática se realiza, notadamente através dos acordos comunitários, que nem sempre estão escritos<sup>14</sup>, mas permanecem na memória dos moradores e dão conta de resolver os seus principais problemas. Em face dos conflitos, principalmente com plantadores de soja, pinus, eucalipto, milho e fumo, eles passaram a escritos e registrados em cartórios no começo da década de 1980. Ou seja, o fato de existir essa preocupação já indicava uma substancial mudança em relação ao futuro do faxinal, haja vista a necessidade de se registrar aquilo que nunca precisou nem sequer ser escrito.

Horácio Martins de Carvalho (1984), pesquisador e engenheiro agrônomo, em seu texto sobre a experiência autogestionária do uso comum da terra no Faxinal Rio do Couro, aponta que a prática do criador comunitário está relacionada à capacidade criativa e inventiva, no sentido de se encontrar soluções inteligentes, em relação ao aproveitamento dos recursos disponíveis na natureza, dos camponeses no seu viver com a natureza e com outros seres humanos.

Na interpretação de Carvalho (1984, p. 72), o criador comunitário atuou como uma espécie de “reserva de valor dos pobres”, pois nessas vastas áreas de terras em uso comum, as criações se reproduziam sem demanda de força de trabalho e sem relevante necessidade de complementação alimentar, permitindo a geração de rendimentos com a criação de suínos (principalmente em conjuntura financeira negativa). Além disso, a criador se estabelece em área de preservação de atividade extrativista de erva-mate e madeira.

Para Carvalho (1984, p. 26), as relações pessoais que se estabeleceram na comunidade se estruturam juntamente com o criador, pois, por exemplo, a construção e manutenção da cerca, é o elemento determinante de parte substancial das relações de vizinhança (amizades, compadrios), o que ele chama de “sociologia

13 Entretanto, Campos (2000, p. 1) alerta: “em termos gerais, a terra de uso comum tem características associadas a uma terra do povo, que é de todos, no entanto [...] trata-se do uso comum de determinados espaços por inúmeros proprietários individuais independentes, pessoas ou grupos de não proprietários”. Portanto, terras de uso comum não são terras livres, há espaços e recursos naturais que são usufruídos comunalmente e o ordenamento de cada unidade social ocorre a partir de costumes. O direito de uso comum relaciona-se de forma direta com o direito consuetudinário, é um costume. Ainda, para Campos (2000), as terras de uso comum entre comunidades ou grupos tradicionais ultrapassam o simples uso comum da terra ou de determinados bens naturais, constituindo-se num “viver em comum”, onde a perda ou transformação de alguns de seus elementos básicostorna difícil sua vivência e pode significar seu desaparecimento.

14 Se as lembranças dos mais velhos, a inspeção e a exortação tendem a estar no centro da interface do costume entre a lei e a práxis, o costume passa no outro extremo para áreas totalmente indistintas: crenças não escritas, normas sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento. Essa área é a mais difícil de recuperar, precisamente porque só pertence à prática e à tradição oral. Talvez seja a área mais significativa para o sustento dos pobres e das pessoas marginais na comunidade (...) (Thompson, 1998, p. 86).

das cercas”.

Assim, é possível compreender a sua preocupação em caracterizar o criador comunitário, dando ênfase aos seus aspectos fundiários e econômicos. Segundo ele:

(...) o criador comunitário é uma forma de organização consuetudinária que se estabelece entre proprietários da terra para sua utilização comunal, tendo em vista a criação de animais. A área de um criador comunitário é constituída por várias parcelas de terras de distintos proprietários, formando, umas ao lado das outras, um espaço contínuo. (Carvalho, 1984, p. 12).

Ao se referir ao faxinal, Carvalho (1984, p. 15) observa que esta expressão possui significado mais amplo do que a de criador comunitário, uma vez que “(...) este é uma forma de organização da criação de animais em terras de uso comunal que se dá em áreas de faxinal. Assim, num faxinal pode-se encontrar área que é destinada a criador comunitário e outras para uso privado”.

Horácio Martins de Carvalho, nos primeiros anos da década de 1980, procurou reconstituir a história do criador comunitário do Faxinal Rio do Couro a partir da memória oral das famílias desse território, quando entrevistou 15 delas. Seu texto, intitulado: “Da Aventura à Esperança: experiência autogestionária no uso comum da terra”, concluído em 1984, foi a primeira investigação sobre os faxinais no Paraná. É a partir de suas considerações, combinadas às narrativas de nossa entrevistada, que orientaremos, a seguir, a discussão sobre a historicidade dessa localidade.

Segundo Carvalho (1984, p. 13), as origens do criador comunitário neste faxinal remontam à segunda década do século XX, e ele aponta que, para os moradores(as), o entendimento da expressão *faxinal* referia-se estritamente ao Criador Comunitário. Porém, como observado nas conversas de campo, com essa e outras comunidades faxinalenses, realizadas desde 2013, a leitura de seus moradores(as) sobre o que é o *faxinal* possui variações: ele pode ser entendido como a junção das áreas de criador comum e das chamadas “terras de plantar” (localizadas, geralmente, em terrenos mais íngremes) ou se constituir somente na

área comum.<sup>15</sup>

Por sua vez, o entendimento de Sra. Bernardete sobre o que é o faxinal nos permite acompanhar modificações históricas que ocorreram no criador comunitário do Faxinal Rio do Couro. Quando perguntamos a ela sobre as áreas de plantio, quando o criador comunitário estava completamente aberto, ela diz: “Era no lugar mais arto [...], tinha as cercas pra dividi, onde era roça, era roça que plantava, onde era faxiná, era faxiná” (Bernardete Longato, 2019). Ela aponta de modo claro que havia um dado espaço para o plantio da roça, “*que era no lugar mais arto*”, obviamente longe das criações. Ao perguntar a ela sobre o que ela entende, hoje, por faxinal, sua resposta é a seguinte: “Não sei. Vou dizer o que agora? Pois agora ficou tudo junto! Faxiná é roça e tudo [...] antes era tudo separado” (Bernardete Longato, 2019). Como vemos, o depoimento da Sra. Bernardete ocorre tomado de *dúvidas*. Não porque não entenda o que se passa, mas porque as forças que operaram as mudanças retiraram os referenciais construídos culturalmente. Hoje sua narrativa constituída a partir de sua subjetividade e experiências nesse território, aponta para uma *confusão* quanto aos sentidos em delimitar espaços que antes eram bastante nítidos. Mas ela deixa claro o que entende por faxinal ao dizer claramente que era o local de criar animais, pois deduzimos que tudo que não fosse lugares altos era faxinal, portanto de uso comum para criação.

Atualmente, o criador comunitário do Faxinal Rio do Couro está bastante restrito, com diversas cercas individuais, os chamados “fechos”,<sup>16</sup> no criador comum (Souza, 2009, p. 48). Esses fechos obstruem a livre circulação de pessoas e animais, comprometendo o acesso destes aos recursos naturais (aguadas e pastagens) e, por consequência, a própria existência do criador comunitário, do modo de vida faxinal.

Como vimos, na interpretação de Carvalho (1984, p.15), a expressão faxinal possui um significado mais amplo do que criador comunitário, pois desde o final do século XIX e início do século XX, antes de existir a prática do criador comunitário, já ocorria a criação de suínos de forma extensiva. Segundo ele, já

15 Contudo, quando passamos a estudar a relação entre faxinais e território para além da ideia de “terras de plantar” e “terras de criar” e a partir da ótica dos/das próprios/as moradores/as, chegamos, brevemente, a três situações: 1) o Faxinal do Marmeleiro (Rebouças/PR) é a “soma” das terras de plantar e de criar, sendo que “o que não se faz no criadouro comum não se pode fazer nas terras de plantar, como usar veneno, plantar soja, pinus eucalipto ou fumo”; 2) o Faxinal Taquari dos Ribeiros (Rio Azul/PR) é apenas o criadouro comum, e fora dele está a Comunidade do Taquari. Neste caso, o que não se pode fazer no criador comum pode-se fazer fora, como plantar soja, pinus, fumo e usar veneno; 3) o Faxinal Rio do Couro (Irati/PR) é o criadouro comum, e fora dele é a Comunidade Rio do Couro. Neste caso o que se faz no criador comum também se pode fazer fora, como plantar soja, pinus, fumo e usar veneno, inclusive nos quintais quando sua produção é destinada à venda.

16 É considerado “fecho” quando as áreas fechadas ultrapassam o estipulado pelos acordos comunitários, o que pode variar entre 15 e 20% da área de cada morador.

havia referência nos depoimentos dos mais velhos ao faxinal, mas não existia a prática do criador comunitário, que irá se constituir a partir da chegada de migrantes italianos no Faxinal Rio do Couro. Assim, segundo Carvalho (1984, p. 14), “no final do século XIX, o faxinal se referia à área de vegetação mais cerrada, ou seja, ao mato denso ou grosso. Já as derrubadas de mato para o preparo da terra para plantação de lavouras se davam em áreas de mato ralo”.

Quanto à divisão entre área de criação e área de plantação, Carvalho (1984, p. 16) aponta que o criador comunitário vai se originar das áreas de lavoura, pois no início do século XX havia a alternativa de cercar tais áreas para se evitar que animais estragassem a plantação, porém, o crescimento das áreas de lavoura vai determinar a inversão do processo, e assim as áreas de criação de animais é que serão cercadas.

Nesse sentido, a ideia básica do criador comunitário se apoiará em dois pressupostos: a) separar a área de criação de animais das áreas de plantio; b) economia de material para construção e manutenção das cercas. Dessa forma, o pinheiro, a erva-mate e a pastagem natural são determinantes para a criação de animais, isto porque, segundo Carvalho (1984, p. 16), os moradores possuíam interesse na exploração extrativa, tanto do pinheiro como dos ervais, mantendo as pastagens. De modo geral, foi o extrativismo florestal (pinheiro e erva-mate), criação extensiva de animais e lavouras de subsistência e/ou comercial que foram, nesse primeiro momento, os alicerces econômicos do Faxinal Rio do Couro.

Segundo Carvalho (1984), no início da década de 1980 a área do criador comum abrangia aproximadamente 1.800 alqueires, onde residiam cerca de 190 famílias, entre proprietários e agregados. Assim como Maneira (2014), ele aponta que, o que era denominado de Faxinal Rio do Couro, era a soma de quatro criadores: Rio do Couro, Faxinal dos Mello, Faxinal e Faxinal Rio do Couro. Em 1981 a área circundante do criador comum media cerca de 40 km.

A questão da cerca pode ser analisada a partir da narrativa da Sra. Bernardete. Quando perguntamos a ela a respeito das razões que levaram ao processo de dissolução do criadouro comum, ela diz:

Pois eu não sei... um tanto foram **esses de fora** que chegaram e compraram os pedaços de terra e começaram desmatar tudo e fechar pra ir fazer aquelas roça. Daí não tinha cerca lá. As criações entravam tudo lá dentro... e foi indo, foi indo que acabou. É, não podia cortar uma árvore pra fazer uma cerca, que nem cortavam bracatinga, cortavam essas madeiras do mato pra fazer cerca, tudo... Ah! Daí proibiram cortar tudo, não deixam cortar nada. Vão fazer o que? Faziam aquelas cercas de frechame. Né? Aquelas de frechame era tudo tirado do mato, as madeira. Daí veio uma lei que não podia cortar mais nada e o povo não podia comprar arame, nada. Daí se

obrigaram a ir fechando, terminando, vendendo, pois **a cerca é a vida do faxinal** (...) (Bernardete Longato, 2019, grifos nossos)

O relato da Sra. Bernardete apresenta em sua narrativa elementos suficientes que facilitam a compreensão quanto as causas da diminuição das práticas do faxinal. Ela começa meio como quem quer se esquivar, como um não querer se comprometer, quando inicia, com um “*eu não sei*” reticente. Mas depois vai ao que julga ser o cerne da questão dividindo as responsabilidades, quando diz “um tanto foi esses de fora que chegaram e compraram os pedaços de terra”. Chegar e comprar *pedaços de terra* (...) e *desmatar* significa criar os entraves para a locomoção e desenvolvimento de práticas culturais em comum, que ali vicejavam por utilizar os recursos hídricos, vegetais e territoriais. O sucesso *desse de fora*,<sup>17</sup> depende essencialmente de conseguir visualizar os elos fracos de um grupo, comprar-lhes a terra, desmatar, cercar e impedir a passagem e uso comum da terra. Essa é uma prática contumaz entre fazendeiros, quando querem desarticular comunidades locais, que se apresentam unidas, frente a *esses de fora*. Essa foi uma dentre as estratégias utilizadas por fazendeiros no Acre, que resultou no assassinato do sindicalista Chico Mendes em 1988. São *esses de fora* contra os locais.

No Brasil, conhecemos de longe a aliança entre fazendeiros e poderes constituídos, que sempre resulta na elaboração de leis que lhes são favoráveis, e nisso inviabiliza a comunidade local. E a Sra. Bernadete identifica muito bem os elos entre *esses de fora* e a criação da lei que juntos sufocam a cultura local. E disso resulta na escassez de materiais essenciais para a construção das cercas dos faxinais.

---

17 O recente processo de identificação dos Povos Faxinalenses ocorre num contexto de políticas identitárias mais amplas, soma-se às políticas identitárias dos denominados Povos Tradicionais. Nos faxinais, a produção dessa identidade é relacional, ou seja, ela é marcada e constituída a partir da diferença (traduzida nas expressões “dentro” e “fora”, “nós” e “outros”). A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade é produzida nos faxinais: produtos orgânicos, contrários à lógica dos transgênicos; formas de plantar que respeite a natureza e seus ciclos, modo de viver camponês, distinto do urbano. Essa distinção é atravessada por uma dinâmica histórica e política de confrontos ocorridos em virtude de leituras diferentes sobre a terra e seus regimes de propriedade. Nos faxinais da região Centro-Sul do Paraná, os processos identitários ocorreram a partir de três momentos históricos distintos: a atuação da Rede Faxinal (2004), a constituição da Articulação Puxirão Faxinalense APF (2005), e a formação da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais (2008). A partir desse reconhecimento de si como sociedade tradicional e de sua posição no campo social e político, o diálogo com outros grupos paranaenses expressa também a consciência de sua condição numa relação ambígua de aproximar-se/assemelhar-se e distinguir-se face a outras formas e modalidades de apropriação e uso da terra e dos recursos naturais, outras formas de territorialidade. É o processo da tomada de posição do grupo social faxinalense por meio da afirmação identitária baseada em critérios étnicos, territorialidades específicas, construídas e acionadas em situações de conflitos envolvendo a defesa da modalidade de uso comum. Segundo Barreto (2013, p. 58), ao se trabalhar conceitualmente a questão da identidade assume-se que a sua atribuição possui um sentido duplo no pensamento moderno: por um lado, ela vem enquanto necessidade para se reconhecer na presença do “outro”, por outro, ela emerge no processo político de unir sujeito que comungam práticas semelhantes para assumirem uma posição de defesa frente a uma situação de ameaça.

E quem não consegue manter-se naqueles marcos culturais termina vendendo a terra

O aspecto significativo relatado pela Sra. Bernardete diz respeito às cercas. Para ela, “a cerca é a vida do faxinal”. A cerca é um elemento constituinte e constitutivo do faxinal, porque na existência da cerca ocorre a construção e solidificação de relações de solidariedade entre os moradores da localidade, que dá sentido de pertencimento e identidade. A falta de cumprimento das obrigações de cuidado e reparos dos lanços, ou vãos, de cerca por uma das famílias já compromete a prática de criação de animais à solta. E nisso resulta na destruição de um sentido de ser daqueles sujeitos pela exclusão dos laços de solidariedade.

Convém atentar também para a interpretação da Sra. Bernardete sobre os motivos para o que ela denomina de “o fim do faxinal”: a chegada dos “de fora” e o desmatamento e os fechos realizados por eles, as leis ambientais que cerceavam o corte de madeiras específicas (bracatinga) para fazer as cercas de frechame, no faxinal, a impossibilidade econômica dos faxinalenses de comprar arame para construção e manutenção das cercas. Nesse sentido, na sua interpretação, o processo de dissolução não foi uma escolha, mas uma necessidade.

Para Carvalho (1984, p. 17), o motivo central para a formação do criador comunitário, ainda que determinado pela necessidade de se separar área de lavoura da de pastoreio, foi a busca de solução para se economizar material para a construção de cercas individuais. No seu entender, esse será o elemento econômico que induzirá ao uso comunal de terras para a criação de animais. Desse modo, a separação das terras para plantio e criação extensiva de animais foi uma solução encontrada para se economizar material dentro das condições existentes, pois, no período compreendido entre 1912 e 1920, quando se completa o cercamento do perímetro circundante do criador comunitário, não havia, na região, disponibilidade de arame e outros elementos facilitadores das divisões entre as áreas de pastagem e de lavoura. O material empregado variava desde troncos e galhos de árvores, num primeiro momento, taquaras, lascas de pinheiro e frechame em períodos subsequentes, até o arame farpado, que aparece somente mais tarde.

Construir a cerca utilizando esses materiais (troncos de árvores, lascas de pinheiro) encarecia, no que diz respeito à mão de obra dos proprietários das terras e de suas famílias. Desse modo, os moradores optaram por reduzir o comprimento total da cerca, surgindo a ideia de uma área comum para a criação de animais. Isso trará relevância para o que Carvalho (1984) denomina de “sociologia da cerca”, entendido como um conjunto de normas de comportamento econômico, social, cultural e político que a manutenção da cerca do criador comunitário determinava.

Desse modo, a Sra. Bernardete, através de sua narrativa, retrata suas experiências e interpretações ao explicar sobre o lugar em que vive, pois

acompanhou muitas dessas transformações. Como aprendemos com Janaína Amado (1995), a memória expressa na narrativa não está fora do sujeito, ela é construída num mundo social, por isso precisamos compreender sua expressão.

No caso das cercas faxinalenses, ela não é somente física, ela é uma relação sentimental, cultural, um sentido de pertencimento do sujeito no mundo. Ela não cerca, mas indica, haja vista que não tem a função de privatizar ou impedir o livre acesso aos recursos naturais. Assim, quando se insere a prática de cercar com objetivo de privatizar os recursos naturais, a partir de 1960, compromete a vida do criador comum que inicia seu processo de dissolução, pois além de reduzir a área de pastagem, as chamadas aguadas são cercadas, impedindo o acesso dos animais nesses espaços.

Os fechos ocorridos no faxinal indicam uma passagem de uma cultura das cercas para um regime da cerca, da privatização das áreas comuns, da destruição do sentido de pertencimento daquela comunidade. O regime da cerca, apontado por Marin (2009), ao estudar as mudanças provocadas pelos cercamentos nas comunidades quilombolas de Marajó, tem como característica básica a privatização dos recursos, estabelecendo impedimento, coerção e restrição de deslocamentos de animais.

As transformações em relação ao criadouro comum começam com as cercas, elementos vitais para a manutenção do faxinal. No Faxinal do Rio do Couro, os grandes lances de cerca de frechame,<sup>18</sup> de palanques em pé, cercas com costaneiras de pinheiro e com varas de taquara, cercas com costaneiras de pinheiro e com até 4 fios de arame farpado, assim como os mata-burros, não existem mais, ou existem em pequenos espaços e/ou pedaços isolados. As novas cercas, cujo primeiro significado é de identificação e de relação com um proprietário, privatizam os recursos (bebedouros, nascentes, matas) e estabelecem diversos tipos de restrições, sejam às pessoas, sejam aos animais.

Observemos que temos um conjunto de normas de organização dentro do faxinal e que se baseia nos princípios comunitários de direitos e de obrigações válidos para todos os moradores, e sua tipologia contempla cerca de frechame, valas, cercas vivas e cercas de lei. Em relação ao “regime de cercas”, cuja principal característica é a apropriação individual e privada de recursos naturais, sua tipologia contempla cercas elétricas, cercas com palanques de *pinnus* tratado ou de concreto com 8 ou 10 fios de arame, seja farpado ou liso. Dessa forma, a cerca pode ser pensada como *vida do faxinal* porque se pressupõe que ela é a condição fundamental para a existência do criador comunitário.

Carvalho (1984) aponta que a partir de 1961, ano do falecimento de

18 Madeira trançada entre dois palanques, geralmente de pinheiro ou de imbuía, na parte inferior da cerca coloca-se costaneiras.

Antonio Vieira de Mello (considerado pelos moradores como idealizador do criador comunitário e liderança), o criador comunitário entra em decadência, tendo havido anos de crise na sua organização nos quais surgiram várias propostas de se encerrar o uso comunal das terras, bem como vários esforços para que o criador fosse mantido.

Em 1970, houve uma reunião de todos os moradores do Rio do Couro com a participação de representantes da Prefeitura Municipal de Irati, com objetivo de se reestabelecer as responsabilidades de manutenção das cercas do criador comunitário. Em 1981, o Criador Comunitário é registrado junto à Prefeitura Municipal de Irati. As alterações na produção agrícola começam a ser verificadas em meados da década de 1960, introduzindo-se, por exemplo, a cultura do fumo, inclusive com a empresa Souza Cruz instalando estufas para sua secagem. Em 1981, a cultura do tabaco era a principal fonte de renda (Carvalho, 1984).

Até o momento, o tabaco é o alicerce econômico dos seus moradores. A família da Sra. Bernardete, segundo ela, sobrevive da lavoura do fumo, outros poucos moradores, arrendam parte de suas terras para plantio de soja, fato que lamenta, porque diz que o “faxiná virou só veneno”. Ela tem consciência que soja, fumo e veneno convivem juntos.

Quando perguntamos à Sra. Bernardete sobre as mudanças que houveram nos modos de produzir e viver dentro do território, ela responde “que mudou muita coisa”. O seu marco de referência é até onde sua memória alcança. Assim, o que mudou? Em primeiro lugar ela nos diz que “agora não se planta mais feijão, não plantam mais nada, é só fumo e mais nada, só fumo. Antigamente era de tudo” (Bernardete Longato, 2019). Aqui, a experiência da Sra. Bernardete no faxinal é revelada, mesmo que superficialmente, e indica tempos diversos de viver. Por exemplo: quando ela fala que se plantava feijão, *de tudo*, ela narra a respeito de uma forma de se relacionar com a terra, mesmo que isso tenha sido muito cansativo para ela e sua família. Lembramos que ela estudou somente dois anos, pois teve que abandonar a escola para ajudar a mãe a cuidar de 12 irmãos. Segundo ela “era trabalhar todo dia, o dia todo, sem descanso”. O fumo e a soja, por sua vez, indicam outra relação com a terra, com os rios, com as aguadas, uma vez que ele exige outros cuidados, além da utilização do veneno.

## Conclusão

Como vemos, a dissolução do criadouro comunitário do Faxinal do Rio do Couro passa por várias situações: as responsabilidades em torno dos cuidados com as cercas, a chegada *desses de fora*, que compravam terras no faxinal e passaram

a fazer os “fechos” e mais recentemente aos tipos de lavouras que existem na comunidade, que exigem uso de veneno. Atualmente ele encontra-se com poucos animais soltos e uma área de uso comum bastante reduzida.

Observamos que as conversas mantidas com a Sra. Bernardete nos proporcionaram grandes experiências de aprendizados, pois passar algumas horas ao lado dela e poder ouvir suas histórias instiga-nos a pensar a experiência histórica do uso comum da terra nos faxinais.

Segundo Montysuma (2012, p. 56, grifo no original) “devemos assumir paixões na prática da história oral”. Mais do que isso, ele aponta para o fato de que, nesse processo

compartilhamos idéias que apontam para a discussão de questões rotineiras, cotidianas, algumas vezes instigantes ou nem tanto, dadas como presentes na vida dos sujeitos, que perduram na memória das pessoas. E que, por um olhar questionador, o pesquisador se lança no seu encaixo, problematizando aspectos da vida ordinária, corriqueira, da cultura. (Montysuma, 2012, p. 57).

Tendo isso em mente, ressaltamos que, para este texto, fizemos uma escolha, haja vista que os caminhos que podiam ser percorridos eram inúmeros e não daríamos conta de todos eles. Várias questões apareceram: a formação do criadouro comum, as relações de solidariedade, as trocas de sementes, as práticas de trabalho, os saberes e conhecimentos das mulheres; diante disso, optamos por apresentar uma discussão a respeito daquele que é considerado o elemento vital para o faxinal: a cerca e sua sociabilidade expressando um sentido de pertencimento do grupo.

Fizemos isso tendo em conta as memórias narradas da Sra. Bernardete sobre o Faxinal Rio do Couro, que nos levaram a pensar a respeito da dissolução do criador comum e dos problemas em relação às cercas.

Contudo, como indica Horácio Martins de Carvalho:

O criador comunitário não é foi apenas mais uma “experiência”: constituiu-se como parte da história de milhares de pequenos produtores rurais, como produto das relações sociais que a sabedoria popular criou para fazer frente aos problemas objetivos da produção agropecuária e da vida. (Carvalho, 1984, p. 78).

Assim, podemos dizer também que os faxinais formam um amplo sistema comunal, ligando os camponeses por antigos laços de consanguinidade, de vizinhança ou de matrimônio. Nessas áreas, as pessoas ainda nascem e morrem

há poucos quilômetros dos lugares onde seus pais e avós viveram. As rodas de conversa, sociabilidades, chimarrão, a divisão do trabalho, os laços de solidariedade, as relações de gênero, a forma da construção das casas e das cercas, as festividades compõem uma cultura expressa em modos de vida próprios daquele lugar, que dinamicamente se transforma continuamente.

## Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, v. 6, n.1, p. 9-32, mai. 2004. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/102/86>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *Revista de História Universidade Estadual Paulista*, São Paulo, v. 14, 1995. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BARRETO, Marcelo. *Territorialização e tradicionalização: refletindo sobre a construção da identidade faxinalense no Paraná*. Tese (Doutorado em Geografia) – USP, São Paulo, SP, 2013.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CAMPOS, José Nazareno de [2002]. *As diferentes formas de uso comum da terra no Brasil*. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaagraria/04.pdf>>. Acesso em: 30 maio. 2018.

CARVALHO, Horácio Martins de. *Da aventura à esperança: a experiência autogestionária no uso comum da terra*. Curitiba, 1984. (mimeo).

CRUZ, Valter do Carmo. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAUJO, Frederico Guilherme de; HAESBAERT, Rogério (Org.). *Identidades e Territórios: Questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 93-122.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da*

*história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

KUPER, Adam. Cultura. A visão dos Antropólogos. In: \_\_\_\_\_. *Cultura, diferença e identidade*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 287-311.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 174, p. 1-40, 2002. Disponível em: <[http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas%202002-2003/2002-2003\\_paullittle.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202002-2003/2002-2003_paullittle.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MANEIRA, Regiane. *Narrativas sobre a praga de gafanhotos nas localidades de Faxinal do Rio do Couro, Faxinal dos Mellos e Rio do Couro*: Irati, PR década de 1940. Dissertação (Mestrado em História). Unicentro, Irati, PR, 2014.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Quilombolas na Ilha de Marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p. 209-228. Vol. I.

MENDRAS, Henri. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Rachas as palavras. Ou uma história a contrapelo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, n. 1, p. 37-63, jun. 2006.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Subjetividade e história oral: as possíveis interações na autorização de cessão de uso de relatos. In: LAVERDI, Robson [et al]. (Org.). *História Oral, Desigualdades e diferenças*. Recife: Editora da UFPE; Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 55-68.

PARANÁ. Decreto n. 3.446, de 14/08/97. Cria no Estado do Paraná as Áreas Especiais de Uso Regulamentado – ARESUR.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abri. 1997.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SCHÖRNER, Ancelmo; CARVALHO, Rosinaldo. Chacreiros no faxinal Porto Soares (Rio Azul/PR). In: PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de [et al.] (Orgs.). *Povos e comunidades tradicionais: contribuições para um outro desenvolvimento*. Montes Claros: Editora UNIMONTES, 2016. p. 37-49.

SOUZA, Roberto Martins de. Mapeamento social dos Faxinais. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SOUZA, Roberto Martins de Souza. *Terras de Faxinais*. Manaus: Editora UEA, 2009. p. 29-88.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## Fontes orais

LONGATO, Bernardete [59 anos]. [jan.2019]. Entrevistadora: Marisangela Almeida. Faxinal do Rio do Couro, Irati, PR, 15 jan. 2019.

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo problematizar aspectos referentes ao processo (inconcluso) de dissolução do criadouro comum do Faxinal Rio do Couro, situado no município de Irati (PR). Os faxinais têm como característica básica a utilização de terras em comum para criação de animais à solta. Essas comunidades, ditas tradicionais, que expressam uma cultura local, vêm passando por um processo de dissolução nos últimos anos. A partir de relatos coletados através da metodologia da história oral discutimos as narrativas de Bernardete Longato, agricultora, moradora desse faxinal desde seu nascimento. Procuramos elaborar algumas interpretações a respeito da experiência histórica do uso comum da terra e das novas formas encontradas por sua população de se relacionar com o território na contemporaneidade. Essas narrativas, construídas num mundo social e produzidas através da História Oral, bem como nossa observação direta, nos permitem apreender significados atribuídos ao território, analisadas, por exemplo, no que denominamos de uma passagem da sociologia das cercas para um regime de cerca, que privatizando recursos naturais, acaba por levar à dissolução desse modo de vida.

**Palavras-chave:** Faxinais. Criador Comum. História Oral. Narrativas. Cercas.

**Fences and Memory: The historical experience of common land use in Faxinal**

### **Rio do Couro (Irati, PR, Brazil)**

**Abstract:** This paper aims to problematize aspects referring to the (inconcluded) process of dissolution of the common breeding site at Faxinal Rio do Couro, in the city of Irati (PR, Brazil). Faxinais have as their basic characteristic the use of common land for raising free-range animals. These communities, considered traditional and that express local culture, have been undergoing a dissolution process in the last few years. Based on accounts collected through oral history methodology, we discuss Bernardete Longato's narratives; a rural worker who has lived at the faxinal her entire life. We also aim to elaborate some interpretations regarding the historical experience of common land use and the new ways found by its population to relate to the territory in contemporary times. These narratives, built in a social world and produced through Oral History, as well as through our direct observation, allow us to apprehend meanings linked to the land. They were analyzed, for example, through what we describe as the transition from fence sociology to a fenced regime, which privatizes natural resources and leads to the dissolution of this way of life.

**Keywords:** Faxinal. Common farm. Oral History. Narratives. Fences.

Recebido em 23/04/19

Aprovado em 06/05/19